

AS VOZES DA MEMÓRIA, AS IDENTIDADES E O TEMPO

THE VOICES OF MEMORY, IDENTITIES AND TIME

Reginâmio Bonifácio de Lima^{1*}

1. Professor EBTT de História. Membro da Academia Acreana de Letras e Pesquisador no LEEHAp da Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil;

* Autor correspondente: e-mail: reginamiobonifacio@yahoo.com.br

Recebido: 30/12/2017; Aceito: 07/08/2018

RESUMO

A memória não é algo do passado. Ela é o passado representado no tempo contínuo da lembrança, e somente se lembra no presente, portanto a memória é a lembrança presente da representação do que se supõe, ou pressupõe passado. No entanto, ela não morre, porque é atualizada nas lembranças, e é exatamente na atualização dos relatos que trabalha o pesquisador. O objetivo é produzir uma releitura sobre as vozes da memória, as identidades e o tempo, com base em autores contemporâneos, estudiosos da história sociocultural, que discorrem, ainda que de forma dissociada alguma das temáticas citadas. Quanto a metodologia, a proposta é do tipo qualitativo, por meio de um abordagem teórico-aplicada, aliando a investigação científica revisora e a construção social da memória. Quanto aos objetivos, o estudo tem caráter revisor e explicativo. Como resultado, percebe-se que na memória é que reside o labirinto das possibilidades: algumas dando em clareiras, outras em cerceamentos e poucas em “saídas”, que em grande medida são momentâneas e só são saídas dependendo de quem olha ou de onde se olha. O tempo da memória e o tempo histórico estão diretamente interligados pela experiência ou pelo experienciado. As conexões que reconstituem essa dinâmica e reproduzem, de forma refletida, o passado no presente, atuam através da dinâmica da vida pessoal ligada aos processos coletivos, que põem-se, interpõem-se, sobrepõem-se, intrapõem-se, expõem-se, dispõem-se e também se impõem nas vivências narradas e/ou esquecidas pelo entrevistado. Seus atos e pensamentos visíveis ou não nos dias atuais, denotam o ato de ser, não apenas pelas modificações antrópicas no ambiente, mas também, pelas mudanças ocasionadas dentro do próprio ser sujeito da memória presentificada.

Palavras-Chave: memória, identidades, tempo, alteridade.

ABSTRACT

Memory is not something of the past. It is the past represented in the continuous time of remembrance, and only remembered in the present, so memory is the present remembrance of the representation of what is supposed, or presupposes the past. However, it does not die, because it is updated in the memories, and it is exactly in the update of the reports that the researcher works. The aim is to produce a rereading of the voices of memory, identities and time, based on contemporary

authors, scholars of socio-cultural history, who dissociate, although in a dissociated way some of the mentioned themes. As for the methodology, the proposal is of the qualitative type, through a theoretical-applied approach, combining scientific review and social construction of memory. Regarding the objectives, the study is reviewing and explanatory. In this place lies the labyrinth of possibilities: some giving in gaps, others in gaps and few in "exits", which are largely momentary and are only exited depending on who looks or looks. So many times in studying identities one does not realize that they only exist because they are parts of men and women, builders of the processual and temporal dynamics that constitute the historical fabric. The history of mankind has many subjects who build peoples, attitudes, ideas, creeds, thoughts and different origins. They are heterogeneous in their interactions and plurals in their relations. The multiplicities inherent in them translate their thoughts and actions, increasing what human beings have of richer: alterity.

Key words: memory, identities, time, alterity.

1. INTRODUÇÃO

Tantas vezes ao estudar as identidades não se percebe que elas só existem porque são partes dos homens e mulheres, construtores da dinâmica processual e temporal que constitui a tessitura histórica. A história da humanidade tem muitos sujeitos construtores de povos, atitudes, ideias, credos pensamentos e origens diferentes. São heterogêneos em suas interações e plurais em suas relações. As multiplicidades que lhes são inerentes traduzem seus pensamentos e ações, aumentando o que os seres humanos têm de mais rico: a alteridade.

Desde há muito tempo a memória tem sido tema de estudos. As abordagens feitas, em sua maioria, têm como foco o interagir do indivíduo: cérebro, redes neurais, mecanismos pré e pós-sinápticos. Ainda na Antigüidade, estudava-se a memória. Elizabeth Braga resumiu a interação que se faz com a memória do passado:

Aristóteles (séc. IV a. C.) localiza as funções mentais no coração (essa crença é marcada nas expressões "saber de cor", "decorar", "recordar"). Os profetas bíblicos consideram os rins e o coração ligados à alma humana. Os anatomistas alexandrinos (séc. III a. C.) sugeriram a localização da função mental no cérebro. A localização da memória no cérebro, hoje, é vista como inquestionável e a procura de *loci* cada vez mais especializados, considerados responsáveis pelo processo mnemônico, move as pesquisas mais atuais [1].

Assim, a ênfase da memória saiu do coração para o cérebro. Vários estudos tratam a memória como algo próprio do indivíduo e a recordação como um processo apenas interno de materialização da consciência armazenada. De outro modo, em autores como Squire, citado por Braga [1], a memória é vista como um comportamento inteiro. O cérebro é o centro desse comportamento. É a partir dele que há a interação do homem com os outros indivíduos da espécie, com o ambiente, consigo mesmo e com a cultura em que se insere.

Os gregos imputavam o conhecimento da memória a uma deusa a quem veneravam, seu nome é Minemosyne. O Dicionário de

Mitologia Grega faz uma descrição de quem foi essa deusa tão venerada por guardar e cuidar da memória:

Mnemósine, filha da Terra e do Céu, é uma das Titénides. Ela é a deusa da memória e foi durante muito tempo a única a ser considerada capaz de controlar o tempo. A jovem foi, também, uma das esposas de Zeus. Quando a guerra contra os Titãs foi ganha pelos Olímpicos, estes suplicaram a Zeus que criasse divindades capazes de deleitar os seus tempos livres, celebrando dignamente a sua vitória. Zeus dirigiu-se então junto de sua mulher, que residia na Macedônia, e partilhou o seu leito durante nove noites consecutivas. Como resultado, Mnemósine irá dar à luz as nove Musas, cujo coro recordará aos deuses, em forma de arte, a lembrança dos seus altos feitos [2].

De acordo com Ana Lúcia Enne [3], “o século XX foi marcado por um ‘boom da memória’ como preocupação das Ciências Sociais e dos homens de um modo geral”. Para Enne muitos pensadores têm apontado para a valorização da memória e da tentativa de pensar as diversas categorias temporais como uma via de extrema riqueza nas análises das ciências sociais e no mapeamento da construção das identidades sociais.

Marcel Proust [4] escreveu uma das mais belas passagens acerca da memória, ela está contida em seu consagrado *Em busca do tempo perdido*: “Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito

tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações”. A busca do “aroma” e do “sabor” de que fala Proust [4], caminhos para a busca da memória e do passado, tem sido uma marca da sociedade contemporânea.

Delgado [5] vê a memória como ato de lembrar em um processo de construção contínua nas condições do tempo presente. Ao explicitar uma série de pensamentos sobre os sujeitos, em sua relação com a história e com a memória, há a construção de alguns pensamentos considerados primordiais em sua obra.

Na construção da memória, para Neves [6] procurar o que se perdeu em nada é melhor que a falta de busca, porque mesmo que se pense encontrar e se encontre o perdido – o que é um sonho utópico, em grande medida – ele já não se insere no novo contexto. Esse achado não se encaixa nas conjunturas que se vão tecendo em meio à dinâmica do processo atual; e nem o será no futuro porque quando o futuro deixa de sê-lo, para tornar-se presente, também este muda, se modifica e é modificado, não apenas no tempo cronológico, mas também na memória, nas lembranças e nas leituras dessas lembranças.

O foco não deve ser o de buscar o que se perdeu, mas procurar o que pode renascer nesse novo presente [8]. Às vezes, o que parece mais fácil aos olhos é o “objetificar” as pessoas, torná-los congelados e fazer-se um jogo de cena com um antes e um depois: dois momentos contrapostos que mais parecem ao espectador meros objetos de curiosidade. Para Galeano citado por Neves, “a memória é o melhor porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade” [6].

De acordo com Ecléia Bosi [8], lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. A autora ainda declara que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que algo ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Édouard Glissant [9], em sua *Introdução a uma Poética da Diversidade*, fala da idéia de “lugares comuns”, neles um pensamento do mundo encontra outro pensamento do mundo, quando ele fala da totalidade-mundo explicitando que a literatura provém de um lugar. Isso é interessante por ratificar as vivências e relações se estabelecerem no que o Reboratti

[10] vai chamar de território local. Também Freire [11] fala da valorização que se deve às culturas tradicionais, e que, por não ouvi-las muitas coisas ruins acontecem com pessoas que poderiam ter a situação-problema resolvida ou esclarecida pelo conhecimento das populações tradicionais.

Stuart Hall [12] trabalha de forma mais sistemática a conjuntura em que se forma e concretiza a identidade cultural do sujeito pós-moderno. Ele afirma que a alteridade tem se mostrado como necessária para que a nova busca de ver o local não se separe do global, de mesma forma que o global tem sido visto a partir das localidades. Porque, para o autor, hoje não existem mais “lugares fechados em si”, há uma pluralidade de culturas interagindo dialeticamente, sendo necessário aprendermos a viver com as diferenças identitárias. Para Neves [7], as pessoas em suas relações sociais criam e rompem laços de vínculo, vivendo suas vidas interdependendo uns dos outros.

Fazendo um paralelo desse aspecto com o que Édouard Glissant trabalhou em relação às culturas, almejamos trabalhar as identidades em questão, procurando lembrar e afirmar explicitamente que a identidade não é uma, mas plural.

Essas identidades e memórias fronteiriças são heterogêneas e “totalidades contraditórias” [10] em si, de si, por si, exatamente por sua mestiçagem, suas

pluralidades e turbidez. Abdala citando Marli Fantini [14], afirma que são identidades quebradas porque há os rompimentos, os desenraizamentos e as descontinuidades presentes na vida, e que tanto aparecem na fala eivada de interdiscursos. Por isso, é tão complexo trabalhar com memórias e identidades.

Segundo Paul Thompson [15], as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças porque passam em suas próprias vidas. A finalidade social da História requer uma compreensão do passado que direta ou indiretamente se relaciona com o presente.

Para trabalhar essas trajetórias de vida e histórias temáticas que, pouco ou quase nada têm de escrito, é possível escolher a pesquisa com relatos orais como base para registrar os discursos proferidos através da rememoração presentificada das lembranças, por sua possibilidade de “compor e interpretar” as histórias de vida das pessoas em seu cotidiano. O estudo dos relatos orais discute a documentação viva, ainda não aprisionada pela linguagem escrita e incorpora visões subjetivas, sentimentos e observações dos indivíduos [15]. Sendo vários os discursos que participam, integram e recontam a realidade, a reconstrução dos fatos e a colagem das informações podem ter diversas formas.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A aproximação entre memória e identidade é tratada neste artigo relacionando a memória ao tempo, ambos de natureza social e em um tempo que também é de natureza social. Sendo o ser construtor/portador/interlocutor um sujeito histórico, recordar é um ato coletivo, que está ligado a um contexto de natureza social e a um tempo que engloba uma construção, uma noção historicamente determinada, uma vez que se vislumbra a lembrança como a recordação de um tempo revivido.

Quanto a método, a proposta é do tipo qualitativo, por meio de uma abordagem teórico-aplicada, aliando a investigação científica revisora e a construção social da memória por relatos de oralidade. Quanto aos objetivos, o estudo tem caráter revisor e explicativo.

Para além do texto escrito, ao atuar com relatos orais, o procedimento metodológico com base na oralidade para a produção de conhecimento, e recorre à memória como principal fonte de subsídio e alimento das narrativas que constituíram o documento final, que produzirá a fonte histórica. Esse processo premeditado envolve o entrevistador, o entrevistado, e a aparelhagem de gravação, estimulando a “construção” e interpretação histórica nas dimensões de tempo, consenso, conflito, espaço, fatos, lugares, fronteiras, fissuras,

intermitências, deslinearidades, dentre outros. O objetivo é produzir uma releitura sobre as vozes da memória, as identidades e o tempo, com base em autores contemporâneos,

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atualização das vozes do passado no presente presenteiam o futuro com a memória. O ato de lembrar está inserido nas múltiplas possibilidades de registro do passado, a partir do qual as identidades são construídas e representadas de forma dinâmica, relacionando-se a inserção social e histórica de cada depoente nos processos culturais, comportamentais e hábitos coletivos.

A questão das identidades adquirirem uma dimensão especial quando se trata da produção de documentos orais, porque pelo afloramento das lembranças representativas do passado há a tradução das similitudes e das diferenças. O reconhecimento dado está presente nas dimensões dos tempos vivos. Para Delgado, as dinâmicas das trajetórias individuais e coletivas se dão em diferentes dimensões de tempo. O tempo não é linear, mas torna-se volátil na lembrança, que por muitas vezes é intermitente, agindo como preterizador do presente ou presentificador do passado [5].

As identidades individuais e coletivas têm forte suporte na memória, uma vez que a

estudiosos da história sociocultural, que discorrem, ainda que de forma dissociada alguma das temáticas citadas.

memória é uma construção presentificada do passado, sendo ela renovada no tempo e nas representações de seu processar nos diversos ritmos, individualidades e coletividades.

Uma vez que esses processos não se dão fora do tempo ou do espaço, as representações sobre o tempo se referenciam na materialidade real, que se relacionam com os momentos e movimentos históricos, tanto quanto com a interpretação desses momentos.

É certo que existem várias conjunturas da história; a real construção dos fatos e acontecimentos envolvidos são imutáveis, contudo a interpretação que envolve esses processos específicos são naturalmente influenciadas pelo tempo no qual as testemunhas e os sujeitos envolvidos estão inseridos. Não é uma questão de relativizações, mas de compreensão das manifestações cognitivas de cada ser envolvido que tem seu viver pontuado no tempo e no espaço.

São múltiplos os movimentos da história, muitas vezes, contraditórios entre si; são simultâneos e se integram a uma mesma dinâmica histórica; são faces diferentes do mesmo dado, conflituosas, contraditórias com

fissuras e diferenças, mas que se integram e interagem em um mesmo “corpo histórico”. Seguindo a mesma perspectiva em questão, Delgado afirma que: Os movimentos da história são múltiplos e se traduzem por mudanças lentas ou abruptas, por conservação de ordens sociais, políticas e econômicas e também por reações às transformações. Na maior parte das vezes, esses processos, contraditórios entre si, acontecem simultaneamente e se integram a uma mesma dinâmica histórica [5].

O trabalho com a oralidade está no campo interdisciplinar, utiliza literatura, iconografias, escritos, música, lembranças, dentre outros, em um diálogo interativo com a psicologia, psicanálise, literatura, antropologia e tantas outras área das ciências humanas e sociais.

O tempo da memória vai além do tempo de vida do indivíduo, já que é nutrida pelas interações e inter-relações registradas na *psiqué*, transmitindo as experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades. Por isso, dizemos que os tempos são múltiplos e essa multiplicidade não apenas aparecerá, mas interferirá nos documentos produzidos.

O tempo do passado pesquisado entra em choque, contraposição e novo posicionamento quando percorre a trajetória de vida do entrevistado, também o tempo presente que estimula o roteiro e as perguntas

do entrevistador interfere na história de vida e/ou história vivida, já que a memória é um leque de infinitas possibilidades dialógicas, reveladoras de lembranças, principalmente -, mas que também velam e ocultam atos, atitudes e acontecimentos que os seres humanos criam inconscientemente para se proteger de traumas, dores e emoções que marcaram sua vida.

O tempo individual, muitas vezes, confunde-se com o tempo coletivo na memória. Os substratos do ato de lembrar estão diretamente ligados aos estímulos para o afloramento de lembranças e sinais exteriores ao sujeito lembrante, em uma “flutuação da memória”, a qual surge sem aparente causa ou “ativação da memória”, a partir de incentivos e estímulos no decorrer do processo de exposição da memória.

“As imagens” muitas vezes são disseminadas pela memória coletiva como uma lembrança de um tempo passado que foi bom ou apazível; contudo, muitas dessas memórias não foram “vivenciadas” pelos sujeitos relembrentes, antes são registros legados de uma geração à outra, em uma representação disseminada pelo senso comum, por familiares e amigos, ou ainda, em muitas vezes, essas memórias foram institucionalizadas e refletem na fala do sujeito relembrente.

Dessa forma, o “passado não vivido” se integra a cada pessoa que se identifica com

épocas, situações, em uma inserção na memória coletiva.

Portanto, o procedimento da coleta de relatos orais está integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos. Objetivando a construção de fontes ou documentos que subsidiem o registro de lembranças e esquecimentos da memória sobre um outro tempo, a partir de narrativas entrecortadas por emoções do passado, ressignificadas pelas emoções presentificadas.

Não existe neutralidade em qualquer forma de se abordar o passado, não somos teóricos flutuantes ensejando a verdade pura, abstraída de juízos de valor. É preciso interagir em uma correlação de convergências e divergências reconhecendo o dinamismo do passado, construindo o conhecimento que atua no tempo presente e resguardá-lo como matéria-prima para o futuro, uma vez que a história e a memória são articuladas pelas relações temporais “fecundas e necessárias para a afirmação da condição humana. Os homens são agentes da história e sujeitos da memória, do esquecimento e do saber” [5].

Na dinâmica da temporalidade, a multiplicidade está inclusive no que é específico, e por sua vez é plural, pelos entrecruzamentos das experiências vividas que não se isolam ou dissociam da totalidade das interações humanas. Uma pessoa pode até

escolher se isolar em um lugar, por muitos dias seguidos, mas não pode isolar o fato de sua ausência ser sentida, ou seus atos costumeiros não mais estarem por ele sendo praticados, ou ainda, sua voz ausente ser presenciada e notada.

As temporalidades têm suas próprias conjunturas e somente mergulhando nelas o pesquisador logrará êxito na atuação inicial de buscar conhecer o passado. Na turbidez da memória, a amplitude heterogênea do passado é vislumbrada com o interesse do tempo presente. Entretanto, as constantes mutações e movimentos tornam mais complexo o passado que de amplo e diversificado torna-se inexpurgável em todas as suas dimensões. Por isso, a necessidade de construção e representações e ressignificações sobre o passado percebido pela memória.

Os conceitos que marcam a especialidade do tempo e a temporalidade do espaço estão diretamente ligados aos valores e imaginários que as ações humanas lhes conferem. Por isso, ao tentar identificar, analisar e interpretar as ações humanas, suas trajetórias e temáticas, devemos levar em consideração não somente a simultaneidade social mas também quatro elementos que caminham juntos: o tempo, a memória, o lugar e a história em suas pluralidades conjunturais, para a construção, ainda que de forma fragmentada e tensa, das identidades desses homens e mulheres sujeitos

lembrantes. Delgado conceitua tempo explicando suas relatividades e projeções:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, característica e ritmos, que inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro [5].

Para Delgado, as análises do passado sempre são influenciadas pela marca da temporalidade. Há sempre as demandas do tempo em que se vive e as representações desse tempo. Esse tempo influencia diretamente a forma como os olhos vêem o que foi vivido e a reinterpreta, sem modificá-la.

As vozes da memória constroem a dimensão de tecido social e das identidades coletivas através de diferentes linguagens. A inter-relação de temporalidades deve ser buscada como forma de captar o passado que se constitui como espaço vivificador entre relações históricas, as memórias e as identidades, na certeza de que estas são melhor reconhecidas e analisadas a partir dos processos cognitivos incorporados à trajetória de vida dos entrevistados.

São muitas as variáveis das identidades, e estas estão em permanente construção. Na integração da tessitura constitutiva das trajetórias, percebemos as

identidades como simbologias, valores, crenças, hábitos, experiências e tantos outros atributos culturais.

As identidades dos sujeitos lembrantes são atravessadas por outras identidades, com orientações políticas, sociais, sexuais, de gênero, dentre outras. Elas se mostram na vida cotidiana, na complexidade de muitas frentes e em todos os níveis da cultura. Não há uma identidade uma desses sujeitos lembrantes. Antes a constelação de idéias expostas demonstra as tensões existentes, os conflitos e as similitudes.

As identidades estão intimamente relacionadas com o significado das experiências das pessoas. É um processo em construção de significados que têm como base a cultura e as ações de sociabilidade. Existem identidades múltiplas, como afirmou Hall [12]. Identidades e papéis sociais não devem ser confundidos, estes estão envoltos e normas e estruturas de organização das sociedades, enquanto aquelas são fontes de significado para os próprios atores e são construídas pelos indivíduos nos processos por eles vivenciados.

O processo identitário é produzido quando da autoconstrução internalizada pelos atores que atribuem a esse processo um significado. Contudo, em nossa sociedade patriarcal há a confusão entre o papel dos homens e das mulheres – que estão ligados a funções executadas socialmente nessas

sociedades – e suas identidades construídas. O que se observa como padrão é que a identidade tradicional outorgada em sociedades patriarcais produz um sentimento de baixa auto-estima nas mulheres. Este é o ponto central. No processo de desconstrução da identidade, o quantum de auto-estima se altera, na identidade reconstruída aprendem a gostar-se e respeitar-se mais, ter autoconfiança, justamente por ter sido capaz de romper com o modelo dominante [16].

A relação entre homens e mulheres interfere diretamente na identidade forjada sócio-culturalmente. Muitas das tensões estabelecidas estão centradas não somente nas atividades religiosas, de raça ou de viés político-ideológico – elas também estão presentes nas relações de gênero estabelecidas no seio da sociedade.

A partir das tensões não resolvidas, que em muito influem nas conjunturas históricas, pessoais e estruturais, percebemos que o fluir do lembrar, esquecer, interagir, internalizar, presentificar, enfim, o rememorar em suas múltiplas faces estão envolvidos com/pelo ato migratório executado, redimensionado e resignificado pela energia criativa existente no sujeito da memória.

A idéia de identidade constituída nesse contexto vai além de um pretense nomadismo ou uma transitoriedade, em que o querer não fixar raízes é explícito no sujeito da memória. Na implicitude do fluir as memórias, as

identidades vão se formando, ou mostrando suas formas, no expressar da cultura desses seres humanos ao discorrer suas trajetórias de vida. Quando a essas identidades culturais, Hall escreveu:

Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de história e repertórios culturais de enunciações muito específicos, que ela pode constituir um “posicionamento”, ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de identidade com todas as suas especificidades [12].

Dialogando com Stuart Hall, sentimos a necessidade de formular posicionamentos sobre a cultura popular uma vez que em nosso trabalho temos utilizado a relação da memória a partir dos relatos de homens e mulheres do povo, ou seja, ele está embasado na memória construída em meio a cultura popular. Por esse diálogo, nos vêm duas questões: O que seria essa cultura popular? Como ela se apresenta nas relações sociais vivenciadas?

O termo cultura popular é utilizado desde o século XVI, pós Reforma Protestante, passou por diversas implicações e reformulações nos séculos seguintes, em especial no XVIII, quando revirou a “sociedade refinada” com seus estudos das tradições populares dos trabalhadores pobres. No século XIX, com a “distinção cultural”, moral e econômica, providenciada pelas

reformas legislativas e regulamentares, a cultura popular foi apropriada pelas lideranças político-institucionais que estabeleciam “a lei e a ordem”, distinguindo o popular do refinado. O século XX também teve o seu momento ideologizador, a partir do “imperialismo popular”, com a reorganização geral da base de capital e da indústria cultural, fazem arremedos de representações populares na tríade. Ver os movimento populares, aprimorar-se deles e ressignificá-los, para então, levar novamente ao povo essa “cultura popular” que as classes mais abastadas consideram concebíveis ao modo de vida da população.

Muitas são as teorias de cultura popular e não é nosso foco trazê-las todas à tona. Tampouco asseverar cronologias ou veracidade a qualquer delas. Contudo, há a necessidade de expor o que é popular em nossa concepção, então iremos contrapor duas terminologias mais utilizadas na atualidade para podermos explicitar a compreensão de popular aplicada neste trabalho.

Há uma variedade de significado do termo popular. Diz-se que algo é popular porque grande número de pessoas o compram, lêem, escutam e apreciam muito. Isto é uma definição mercadológica de popular que está diretamente associada a manipulação do povo e de sua cultura. Uma cultura comercialmente fornecida que levam a um estado de “falsa consciência”. Por isso, alguns poderiam

pensar que esses são uns “tolos culturais” por se deixarem envolver, sem terem adquirido a consciência de que estão sendo alimentados com o ópio do povo. E nos satisfaz o fato de podermos denunciar as indústrias culturais capitalistas como agentes de manipulação e decepção dos que por elas são influenciados.

Por outro lado, a tentativa de contrapor a essa cultura uma cultura “alternativa”, que seja íntegra e expresse a autêntica “cultura popular” das classes trabalhadoras não é melhor que a primeira. Porque esta não considera as relações de dominação e subordinação do poder cultural. Não apenas pelo fato de as relações de autonomia, coações, rupturas e resistências serem no tempo e no espaço, dentro do social ou no entorno deste pelas periferias das situações congêneres. Em segundo plano, o poder da inserção social está intimamente ligado às materializações de atos e pensamentos atuantes nas formulações interativas desses sujeitos. O produzir da dimensão de autonomia é aplicável e sustentável no mundo das idéias, sendo sua aplicação na concretude real uma projeção turva e obscura do conceito inicial.

Essas pessoas não são tolas culturais, elas são capazes de reconhecer como as realidades de suas classes são reorganizadas, vêm a forma como são constantemente remodeladas, reconstruídas e reorganizadas. É certo que as classes que concentram o poder

cultural acabam por dominar ou ter a preferência. As formas impostas influenciam diretamente o agir, porque nenhum grupo social é isolado em si, por si e para si. As relações de poder cultural, ainda que irregulares e desiguais, demonstram que a cultura dominante tenta constantemente desorganizar e reorganizar a cultura popular, mas também pontos de resistências e momentos de suspensão.

No permanente campo de batalha da dialética cultural, não se obtêm vitórias definitivas, o que se têm são posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas [13].

Quanto à cultura popular, Stuart Hall [13] afirma que “A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a luta dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a alma do consentimento e da resistência”.

Ainda tendo por vista o enfoque da cultura popular no viés das identidades, como práticas de resistências, Sayonara Amaral, a tradutora de Stuart Hall para o Brasil, afirma que a cultura popular para Hall é constituída por tradições e práticas culturais populares e pela forma como estas se processam em tensão permanente com a cultura hegemônica. Nesse sentido, ela não se resume à tradição e ao folclore, nem ao que mais se consome ou que se vende; não se define por seu conteúdo, nem por qualquer espécie de “programa

político popular” preexistente. Sua importância reside em ser um terreno de luta pelo poder, de consentimento e resistência populares, abarcando, assim elementos, da cultura de massa, da cultura tradicional e das práticas contemporâneas de produções e consumo culturais [13].

A memória expressa não apenas as identidades, mas também as multiplicidades de línguas, racismo, particularismos, etnicidades, xenofobias, xenofilias, sexismos dentre outros processos culturais. Nesse sentido de expressões múltiplas, Antônio Montenegro faz uma distinção entre o campo da Memória e o da História, afirmando que o campo da memória se construiria, dessa maneira, a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transformam em elementos fundantes da história. Mas, enquanto a memória resgata as relações do que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador. Os diversos órgãos formadores de opinião – rádio, televisão, jornais, revistas ou instituições como o Estado, a igreja, os sindicatos – caracterizam-se como produtores de todo um conjunto de explicações / representações acerca da realidade [17].

Paul Thompson [15] disse que "A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo". Isso fica muito claro na fala de vários entrevistados, quando expressam como era a vida décadas atrás. Há um ar de veracidade mesclada com sonhos, sonhos que podem ser reais ou imaginários, mas que de fato ocorreram, ainda que na memória deles.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática cotidiana retratada pela memória dificilmente está ligada à consciência dos fatos e sua vinculação com o imaginário do passado que transcenda “o mundo das experiências imediatas e das explicações do senso comum” [17].

Esses elementos expressos na narrativa quase nunca levam em consideração as implicações político-econômico-sociais dos atos vivenciados pelos sujeitos lembrantes, na própria relação vivida. Assim, fica evidente que para muitos entrevistados a vida se resume às suas próprias histórias de vida e trabalho. Os entrevistados narram os acontecimentos que perpassam de forma transcendente aquilo que se apresenta de forma mais imediata em suas vidas, ora por aspectos comuns, ora por experiências do cotidiano.

As identidades estão sempre em curso, é na relação tempo/espaço que se tensiona a memória que almeja conhecer as referências fundamentais do passado. As lembranças são sempre tencionadas no tripé memória/tempo/espaço, é pelo entrelaçar dessas que aquela resgata de forma presentificada o passado vivido, ainda que vivido como substrato parcialmente construtor das identidades.

5. REFERÊNCIAS

- [1] BRAGA, Elizabeth dos Santos. **Aspectos da constituição social da memória em um contexto pré-escolar**. Campinas, [s.n.], 2000.
- [2] **Dicionário de Mitologia Grega**. Memória e Minemosyne. Disponível em: <<http://dicionario-de-mitologia-grega-e-mana.portalmidis.com.br/m/mnemosine.htm>>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2017.
- [3] ENNE, Ana Lúcia Silva. **Memória e identidade social**. Disponível em: <www.castelobranco.br/pesquisa/vol1/?link=memoria2.php&tipo=revista>. Acesso em: 12 de janeiro de 2007.
- [4] PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Rio de Janeiro. Zahar, 2003.
- [5] DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.
- [6] NEVES. Memória, História e Sujeito: Substratos da identidade. In____. **História Oral**. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 3, jun. 2000. – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral.

[7] NEVES, Lucília A. **Memória e História: substratos de identidade.** Coleção História Oral. (4) São Paulo: ABHO, 2001.

[8] BOSI, E. **Memória e sociedade.** São Paulo: T.A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

[9] GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

[10] REBORATTI, Carlos E.. **A question of scale: society, environment, time and territory.** *Sociologias*. Porto Alegre, n. 5, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222001000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 de março de 2017.

[11] FREIRE, José Ribamar Bessa. **Tradição oral e memória indígena: a canoa do tempo.** Rio de Janeiro: mimeo, 1992.

[12] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 9. ed. – Rio de Janeiro: DP7A, 2004.

[13] HALL. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Tradução: Adelaide La Guardiã Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

[14] FANTINI, Marli (2004). Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas . ____In: ABDALA JR, Benjamim. **Margens da Cultura.** Editora Boitempo.

[15] THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

[16] GARCIA, Loreley. **Era uma vez... o uso da história oral nos estudos de gênero.** ____In: Mneme – Revista virtual de Humanidades. n 11. v. 5. julh/set 2004. Distpnível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

[17] MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória.** 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003.